

CAPÍTULO 9

Fé, gênero e futebol: por que os jogadores votaram na extrema direita?¹

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

CONTEXTUALIZAÇÃO

Por que a maioria dos jogadores de futebol brasileiros aderiu à extrema direita?

Procurei responder a essa pergunta com base em dados de uma pesquisa iniciada em 2003, envolvendo mais de 100 jogadores e jogadoras de futebol que atuaram (ou ainda atuam) em diversos países e em todos os continentes. Bolsonaro era, então, um deputado

1 Comunicação apresentada no II Colóquio Internacional do INCT Futebol — As Ciências Sociais Diante do Futebol: Intercâmbios e Perspectivas Franco-Brasileiras. Gostaria de expressar minha gratidão ao CNPq pelo financiamento do INCT Estudos sobre o Futebol Brasileiro. Agradeço também a Bela Feldman-Bianco e Miriam Grossi pelas valiosas observações finais durante o colóquio, tanto sobre o conjunto dos trabalhos apresentados, quanto, mais particularmente, sobre este texto. E agradeço a Mariana Brum (UFPel) pela ajuda na preparação dos slides apresentados.

federal pelo Rio de Janeiro, uma figura desconhecida nacionalmente, e, provavelmente, nenhum dos futebolistas com quem teve contato tinha ouvido falar nele.

Essa pesquisa começou em um contexto de emigração massiva no Brasil, um fluxo iniciado nos anos 1980² e intensificado nos anos 1990, motivado pelo desemprego, pela busca de melhores condições de vida, mas também pelo sonho de “vencer na América” (Margolis 1994, 2013). Os jogadores de futebol (pés-de-obra) seguiram uma dinâmica semelhante, embora seus destinos preferenciais sejam distintos, aos emigrantes brasileiros “comuns” (mãos-de-obra), que vão, majoritariamente, para o Norte global ou para países vizinhos da América do Sul.

Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores, em 2024, cerca de 4,5 milhões de brasileiros viviam no exterior. Os Estados Unidos acolhem a maior comunidade (1,9 milhão), seguidos por Portugal (360 mil), Paraguai (254 mil), Reino Unido (220 mil) e Japão (202 mil). Essa emigração tem uma origem bem definida: muitas dessas pessoas vêm da cidade de Governador Valadares, em Minas Gerais (Pinto 2021). A principal região de destino é a costa leste dos Estados Unidos, onde se concentram cerca de 63% dos brasileiros residentes no país (Assunção 2011).

Os jogadores brasileiros, por sua vez, estão presentes na maioria dos 208 países e territórios onde o futebol é regulado pela FIFA.

2 “In just five decades the number of international migrants nearly tripled from 76 million in 1960 to 214 million in 2010” (Brzozowski 2012: 137)

Como me dei conta muito cedo, sua migração não segue o mesmo padrão dos outros emigrantes brasileiros (Rial 2006) e seu país de destino preferencial difere. Em agosto de 2023, Portugal acolhia 213 jogadores brasileiros, dos quais 108 atuavam na liga portuguesa, representando cerca de 22% dos jogadores dessa liga — o que faz do Brasil a principal nacionalidade estrangeira na Liga Portugal Betclic³. De fato, desde os anos 1990, o número de jogadores de futebol brasileiros expatriados mantém-se estável, superando em média de mil por ano, e Portugal, numa lógica pós-colonial, tornou-se a principal porta de entrada para o mercado europeu — o mais cobiçado, pois abriga os clubes globais⁴. Esse movimento pós-colonial também

3 Disponível em: https://www.transfermarkt.pt/61-dos-jogadores-da-liga-portuguesa-sao-estrangeiros-brasil-e-o-pais-mais-representado/view/news/436975?utm_source=chatgpt.com e https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-portugues/noticia/2023/08/11/campeonato-portugues-202324-tabela-palpites-e-principais-brasileiros.ghtml?utm_source=chatgpt.com

4 Como defini em outros textos, os clubes globais são aqueles que transcendem as fronteiras de suas comunidades, regiões e, até mesmo, de seus Estados-nação. Eles são nós de fluxos globais econômicos, humanos, midiáticos e simbólicos, concentrando capitais que circulam em escala mundial e empregando jogadores provenientes de diferentes partes do mundo. Reúnem torcedores dispersos pelo planeta, colonizando o imaginário de uma população mundial – majoritariamente masculina. Enquanto comunidades imaginadas, podem ser considerados como nações (Weber 1992, Oliven 2025), com seus hinos, bandeiras e um forte sentimento de pertencimento. As cidades do futebol global, como Madri, Munique, Manchester e Barcelona, em termos de importância no sistema futebolístico, superam as cidades globais (Sassen 1991), como Nova York, Los Angeles e Tóquio.

é observável em outras nacionalidades: argentinos e uruguaios preferem a Espanha; africanos de ex-colônias francesas, a França etc.

Para os futebolistas brasileiros, em 2023, o Japão⁵ ocupou a segunda posição como destino preferencial (79 jogadores), seguido pelos Emirados Árabes Unidos (49), Espanha e Estados Unidos (44 cada), Itália e Inglaterra (40 cada), Bulgária (39) e Tailândia (34)⁶. O fato de os Estados Unidos contarem com 44 jogadores brasileiros reflete o desenvolvimento da MLS (Major League Soccer) e a continuidade da participação feminina na NWSL (National Women's Soccer League)⁷. Sua presença em países como Malta, Índia ou Tailândia é mais surpreendente, já que esses países não estão entre os destinos dos trabalhadores brasileiros. Como me afirmou o adido cultural do consulado brasileiro em Mumbai, em 2011: “Eu nem sabia que havia brasileiros trabalhando aqui; o salário-mínimo na Índia é bem inferior ao do Brasil. Ninguém é louco de vir trabalhar aqui.”

Analisei, portanto, essa emigração dos jogadores levando em consideração tanto as dinâmicas próprias da migração brasileira quanto aquelas específicas do campo futebolístico⁸. As primeiras

5 Disponível em: <https://alternativa.co.jp/noticias/esportes/126724/liga-de-futebol-do-japao-faz-30-anos-e-conta-com-45-brasileiros-nesta-temporada/>

6 CIES – Football Observatory.

7 Em 2012, eles eram 21 na MLS (Rial 2012) e o número caiu para 12 em 2017.

8 O conceito de campo, formulado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, constitui um elemento central de seu quadro teórico. Sua principal característica reside na impossibilidade de uma definição fixa e definitiva: trata-se de uma porção do espaço social que atingiu um grau de autonomia

hipóteses da pesquisa respondiam aos estereótipos veiculados pela mídia ou por certos intelectuais⁹, que os qualificavam como “mercenários”, motivados unicamente por dinheiro; como “consumistas”, obcecados por bens de luxo; e como “estrangeiros”, desligados do Brasil. Essas três figuras — mercenário, consumista, estrangeiro — estruturaram as perguntas iniciais: será que os jogadores de futebol correspondem a esses perfis?¹⁰

suficiente para sustentar a crença compartilhada na legitimidade de seu princípio fundador. Em resumo, a autonomia de um campo refere-se à sua capacidade interna de estabelecer um princípio próprio de diferenciação e organização, relativamente independente das imposições externas de ordem religiosa, política, econômica ou midiática (Bourdieu 1992: 93).

9 Simoni Guedes, em 2006, declarou que essas qualificações não provinham apenas da mídia, mas também dos intelectuais especialistas em esporte. Ver NAVI – Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem. Mesa-redonda com Carmen Rial e Simoni Guedes – 58ª Reunião Anual da SBPC (2006). Rodríguez, Cristhian (ed.), Projeto Acervo Memória e Preservação Digital. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Vídeo (formato digital). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Rn63MM3_BT4]. Acesso em: [14/04/2025].

10 É importante destacar que, no início do século XXI, os correspondentes internacionais especializados em esportes eram raros e o contato se limitava à transmissão das partidas, com poucas entrevistas de jogadores no exterior. Uma exceção era o programa *Expresso da Bola*, transmitido pelo canal SporTV, coproduzido pela MariaTV. O jornalista Décio Lopes viajava pelo mundo para encontrar jogadores que contavam como era viver em um país de língua e cultura diferentes, com costumes diversos. O *Expresso da Bola* foi exibido em 2003 e deixou de ser produzido em 2012. Desde 2022, foi relançado, agora na forma de um segmento no programa *Esporte Espetacular*, da TV Globo. Atualmente, o correspondente da ESPN em Madrid,

As conversas, entrevistas e observações me mostraram que eles mantêm um forte sentimento de pertencimento nacional que é reforçado quando se deslocam para o exterior, como é comum acontecer com imigrantes. Isso não exclui as demandas de naturalização que encaminham quando estão no Norte global, especialmente na Europa. Mas essas naturalizações eram vistas como meios para facilitar sua circulação no mercado futebolístico, ao mesmo tempo, que possibilitavam a abertura de vagas para outros brasileiros nos clubes. Eles, portanto, não se tornavam “estrangeiros”, tratava-se de naturalizações estratégicas¹¹.

Por fim, seus estilos de vida não eram centrados no consumo. Certamente, muitos dos que atuavam (e atuam) na Europa viviam em residências de alto padrão, dirigiam carros caros e, alguns, usavam roupas de marcas de luxo. Mas seu cotidiano continuava modesto: arroz com feijão e churrasco dominavam suas refeições e a maioria dos que encontrei vestia-se como os jovens de classe média de sua geração.

Logo nos primeiros contatos, fui levada a problematizar as categorias comumente usadas para definir a mobilidade nos estudos de migrações. Seriam os futebolistas emigrantes/imigrantes? Expatria-

Gustavo Hofman, realiza entrevistas à distância com jogadores brasileiros, geralmente em países periféricos do sistema do futebol, que são veiculadas no podcast *Futebol no Mundo*.

11 Essas transferências são hoje facilitadas pelas redes de “multiclubes” (Simões 2024), que reúnem sob um mesmo proprietário clubes de diferentes países.

dos? Transmigrantes? Uma das conclusões dessa fase foi a de que as categorias tradicionais de análise das migrações não correspondiam ao que encontrei em campo. Sua mobilidade assemelha-se mais a uma circulação contínua – o que eles chamam de “rodar” (Rial 2008).

O que os diferenciava de outros emigrantes era o fato de viverem em bolhas protegidas, cuja densidade dependia de vários fatores: o *status* do clube na hierarquia do futebol, a idade em que os jogadores emigram, a duração da estadia no exterior e, até mesmo, a presença de filhos em idade escolar no lar. Mas essa bolha existia e persiste, mesmo em clubes de menor expressão no sistema futebolístico global, e pode incluir o empréstimo de um apartamento pelo clube (como foi o caso de um jogador que entrevistei em Marrakech), ajuda na busca por moradia, tradutores (como em Eindhoven, Aalborg, Istambul, Atenas...), e secretários que podem ser empregados pelo clube (como em Atenas), por agentes (como em Alkmaar), ou diretamente pelo jogador (como em Sevilha). Nos clubes globais, essa bolha também inclui amigos próximos, fisioterapeutas pessoais, cozinheiras e toda uma infraestrutura que transforma o domicílio em academia, clínica médica ou espaço para festas e lazer.

Essa bolha também existe no futebol de mulheres, mas é bem menos densa: as jogadoras mantêm um contato mais estreito com a cultura local. Elas correspondem mais ao que Appiah (2006) definiu como “patriotas cosmopolitas”¹². É o caso de Arina, que conheci em

12 “Podemos ser patriotas cosmopolitas, pessoas ligadas ao seu próprio lar, com suas particularidades culturais, mas que se agradam da existência de outros lugares, diferentes, que são a casa de outras pessoas, também

julho de 2024. Almoçamos no restaurante Murillo, em Madri, na companhia de Vera Cíntia Alvarez, autora do capítulo 12 deste livro, que a conhecia por meio dos contatos estabelecidos entre o consulado brasileiro na Espanha e as jogadoras. Arina deixou o Brasil em 2015 para jogar nos Estados Unidos, no Monroe College¹³. Depois passou pelo Madrid CF e atuava no Rayo Vallecano quando nos encontramos — antes de ser transferida para o Getafe, em 2025. Ela contou suas imersões no cotidiano dos países onde viveu e relatou em detalhes sua aventura na Armênia, onde trocou as férias por um contrato de jogadora, motivada pelo desejo de “conhecer o país” e de participar da Liga dos Campeões¹⁴. Não encontrei relatos semelhantes ao de

diferentes. (Appiah 2006: 118). E também: ‘O patriota cosmopolita pode imaginar a possibilidade de um mundo em que todos seriam cosmopolitas enraizados, ligados a um lar próprio, com suas particularidades culturais, mas que também se agradariam da presença de outros lugares diferentes, que são a casa de outras pessoas, igualmente diferentes. O cosmopolita imagina ainda que, nesse mundo, nem todos acharão preferível permanecer em sua pátria, de modo que a circulação de pessoas entre diferentes localidades envolverá não só o turismo cultural (que o cosmopolita aceita e aprecia), mas também a migração, o nomadismo, a diáspora.’ (Appiah 1997: 618). [minha tradução].

13 O Monroe College possui dois campi principais: New Rochelle, NY, que é o campus original e principal da instituição, e The Bronx (Nova York), que é o campus urbano.

14 “Adoro fazer perguntas, adoro. Por isso fui para a Armênia. Queria ir só para ver como era o país, juro. Deixei de lado minhas férias de verão para ir jogar na Armênia, só para descobrir a cultura. E todo mundo me dizia: ‘Bruna, é

Arina entre os homens: eles demonstram muito menos curiosidade

um país do terceiro mundo, com religião muçulmana, a mulher é meio...’ Mas eu pensei: ‘Vou só jogar futebol.’ Que experiência, vou poder contar. Eu estava no Rayo [Vallecano], aí chegou o verão e meu agente, que tem contatos em todo lugar, me disse: ‘Enviei seu vídeo por engano para um time da Armênia, eles gostaram muito e querem que você vá lá neste verão.’ Eles estavam jogando a fase eliminatória da Liga dos Campeões [...] E aí eu pensei: ‘Uau, ir para a Armênia e jogar a Liga dos Campeões pela primeira vez?’ Meu agente me perguntou: ‘Nem te disse o que eles estão oferecendo?’ Pagavam bem, porque eu não tinha nenhuma despesa. Cheguei em um momento superbom. Tinha duas ou três meninas da África treinando. Veja a diversidade! Três meninas da África, o treinador era ucraniano e ele tinha trazido cinco jogadoras do time dele da Ucrânia. E as outras eram armênias. Então elas falavam armênio, e as ucranianas falavam russo. Porque elas não podiam falar nem armênio nem ucraniano. Então falavam russo. Em vez de aprender inglês, elas aprendiam russo. Eu, como as meninas da África, falava inglês, as ucranianas falavam ucraniano e quando as meninas estavam sozinhas na Armênia, eu pensava, meu Deus, a única coisa que aprendi em ucraniano foi ‘dá’, que significa ‘sim’. Sim é ‘si’ ou ‘yes’, e em ucraniano é ‘dá’. ‘Dá’. Foi a única palavra que guardei. Aprendi mais naquele momento, mas esqueci tudo. Fui para lá pensando: ‘Meu Deus, onde me meti? Ninguém fala espanhol, ninguém fala português, só as três que falam inglês, não entendo nada.’ Eles explicavam um exercício no campo, eu não entendia nada, sempre me colocava na última posição para ver como minhas companheiras faziam e assim aprender. E claro, tinha a comida. Me pesava todos os dias, e todo dia perdia um quilo. A qualidade dos produtos não era boa, sabe, tirei fotos, o peixe estava lá há um mês, estava seco e até preto. Mas eles nunca jogam comida fora, porque não têm muito... Uma das minhas companheiras do ‘equipo’ [ela usa às vezes palavras em espanhol] me explicou que era porque eles lembravam da guerra, de quando foram atacados. Perguntei sobre a guerra. Disseram que não foi há tanto tempo, cerca de vinte anos: ‘Há vinte anos nos atacaram.’ Eu disse: ‘Vinte anos?’ Ela já vivia naquela época. Não se fala de cem anos atrás. Nem de cinquen-

pelas línguas, culinárias, lugares ou modos de vida locais.

Os jogadores brasileiros homens que encontrei na Europa e na Ásia compravam seus alimentos em comércios brasileiros (em Tóquio, em Amsterdã...), frequentavam restaurantes brasileiros e, quando possível, faziam vir do Brasil empregadas domésticas ou familiares para ajudá-los no dia a dia. Quando não encontravam comércios ou restaurantes com produtos brasileiros, levavam esses produtos nas malas ou buscavam similares em outros mercados étnicos – uma prática comum a muitos emigrantes. Lembro, por exemplo, que no café do Feyenoord, depois de conversar por quase duas horas com o senhor Iran – ex-marinheiro da marinha mercante brasileira, que havia visitado mais de 40 países e era pai do jogador que eu estudava – recusei gentilmente seu convite para jantar um “verdadeiro bobó de camarão”. Ele planejava comprar os ingredientes “brasileiros” nos mercados turcos e senegaleses de Roterdã. Eles expressavam uma forte nostalgia do Brasil e grande tristeza por

ta. Vê-se que é uma cultura... que não é uma cultura alegre. Sabe? Eles são tímidos, não olham nos olhos. Você vai ao supermercado, todo mundo olha para baixo. [Mais adiante, ela diz:] Quando voltei para a Espanha, liguei para casa: ‘Mãe, preciso te contar uma coisa. Passei três meses na Armênia jogando futebol e tal.’ ‘Na Armênia, minha filha? Sozinha, minha filha? Onde você morou, Arina, o que você comeu? Como foi?’ Então eu expliquei tudo e disse: ‘Você me vê bem, estou bem.’ ‘Ah, Arina, pelo amor de Deus, nunca faça isso de novo.’ Como sei que ela se preocupa, conto para ela depois. Primeiro faço, depois conto. Mas para minhas primas, disse: ‘Vou para a Armênia, vou deixar o endereço de onde estou, porque se algum dia eu não responder, estou aqui, na Armênia, nesta casa.’ Sempre faço isso.”

estarem longe de seus entes queridos. As queixas sobre o inverno rigoroso ou a língua local eram recorrentes. Já entre as jogadoras, a ideia de patriotas cosmopolitas parece mais adequada do que a de bolha, pois, embora mantivessem gostos e saudade do Brasil, apreciavam o local. Entre elas, o nacionalismo aparece mais como um sentimento do que como uma ideologia.

Assim, as conclusões dessa etapa da pesquisa etnográfica mostram que, ao contrário da imagem veiculada pela mídia, esses jogadores não eram “estrangeiros”, nem “consumistas” ou “mercenários”. O ganho financeiro era apenas um dos fatores de motivação. Eles buscavam um *status* mais elevado em suas carreiras: competências técnicas e táticas, carisma midiático, reconhecimento pelos pares etc. — ou seja, um maior capital futebolístico (Bourdieu 1988). Para minha grande surpresa, também, viviam o afastamento do Brasil e sua experiência no exterior como um “sacrifício” feito em nome de sua família extensa, muitas vezes muito humilde, a quem invariavelmente ajudavam¹⁵.

A pesquisa permitiu concluir que seus valores fundamentais eram a família¹⁶ — dentro de uma estrutura patriarcal heteronorma-

15 A placa afixada acima da lareira de Fábio, em Eindhoven, com uma mensagem de agradecimento de seus onze irmãos, ilustra bem sua generosidade familiar. Ele havia aberto uma empresa de modo a poder empregar todos os irmãos e garantir seus sustentos.

16 O pai de família (quando está presente, pois muitos vêm de famílias sem a presença do pai) permanece uma figura que deve ser respeitada. Cledison, milionário, me contou que, quando estava em São Paulo, na casa de sua família de origem, e queria “sair”, pedia dinheiro ao pai. Destinar uma casa

tiva (Butler 2019) —, a pátria e a fé. A palavra “Deus” aparecia frequentemente em seus discursos, o que abriu uma nova série de perguntas: por que as práticas religiosas são tão difundidas entre eles? Por que a maioria adere a confissões neopentecostais? E, mais tarde, por que votaram em Bolsonaro (B.)?

A BÍBLIA EXPLICA

A presença da religião entre os jogadores de futebol não é novidade — como mostra, por exemplo, a estátua de Nossa Senhora Aparecida encontrada no armário de Pelé, que permaneceu fechado por mais de 50 anos nos vestiários do Santos e foi aberto por ocasião de sua morte. No entanto, o catolicismo e as religiões afro-brasileiras, ainda muito presentes, predominavam no futebol até pouco. O catolicismo continua sendo a religião oficial dos clubes, enquanto as práticas do candomblé, embora silenciosas, persistem¹⁷. Mas a

para a mãe ao receber o primeiro ganho substancial é uma forma de respeitar um sistema de honra no qual o pai seria diminuído por esse presente.

17 No programa de rádio *Sala de Redação*, da rádio Gaúcha, de 18 de março de 2025, os jornalistas presentes (Pedro Ernesto Denardin, César Cidade Dias, Leonardo Oliveira, José Alberto Andrade, Cristiano Munari, Luciano Potter e Adroaldo Guerra Filho) relataram em detalhes a história do Pai Danilo, acionado pelo Internacional e pelo Grêmio, em busca de proteção: « O Renato [treinador do Grêmio] depois da conquista, foi da Copa do Brasil, ele fez aqueles dois jogos contra o Atlético utilizando uma camisa verde, não sei se vocês lembram? Aquela camisa foi doada pelo pai Danilo.»... «O Renato pagou ele em 2016 e 2017”. E “O Inter quis tanto esse Gauchão, tanto, tanto, que juntou o presidente que não se fala, trouxeram o D’Alessandro já no ano

maioria dos meus interlocutores era evangélica, correspondendo nessa escolha a de muitos brasileiros com a mesma origem social — apenas lembrando, os evangélicos passaram de 15% da população brasileira, em 2000, para 21,6%, em 2010, e em 2023 chegaram a 26,9%, o que mostra um crescimento vertiginoso, mas também uma desaceleração desse crescimento.

Essa religiosidade (ou “fé”, como preferem chamar) transforma profundamente suas práticas cotidianas (Asad 1993). Segundo eles, a fé os protege das “tentações” presentes na vida de muitos amigos de infância e colegas de profissão — drogas, álcool, relações sexuais múltiplas. Ou seja, a “fé” os afasta de orgias perniciosas para o corpo de um atleta de alta performance. A fé faz com que viagem para cidades onde existem igrejas neopentecostais, que promovam reuniões em suas casas, e, até mesmo, abram templos — como foi o caso em Munique ou em Abu Dhabi. Mesmo os jogadores católicos, como Brenno, que encontrei na Austrália, ou Lobato, no Canadá, frequentavam templos neopentecostais “para encontrar outros brasileiros”.

A fé dos jogadores de futebol é proselitista: se propaga por gestos, tatuagens e palavras, o que os torna pastores globais (Rial 2012). Mas a fé não é apenas um calmante para as incertezas e nem uma

passado, e o D'Alessandro enlouqueceu o vestiário, e pagaram o pai Danilo”. Um diretor do Inter, atendendo pedido do fisicultor Paulo Paixão foi quem contatou o Pai Danilo para perguntar sobre a questão da dívida. « Segundo ele, era de R\$ 35 mil reais, mais R\$ 10 mil para o material (pipoca, porque a pipoca tem um efeito, e balas de mel, 5 mil balas de mel». O Inter pagou e ganhou o campeonato gaúcho, depois de sete anos sem título.

vitamina que fortalece os músculos. Como observei no trabalho de campo, o impacto da religião não ocorria apenas no campo profissional, apresentando um efeito muito mais amplo, transformando e construindo subjetividades.

A religião oferece uma cosmologia que ordena seu cotidiano, prescreve o que se deve e o que não se deve fazer, incentivando a autodisciplina diária e o constante monitoramento do corpo e das emoções. Obediência, autodisciplina, autocontrole, autoconsciência e reflexão são alguns dos efeitos que essa ética religiosa oferece e da qual são beneficiários. Ela lhes oferece narrativas e rituais que os integram a uma visão de mundo compartilhada — uma cosmologia, diria Geertz (1973) — que substitui a anterior. Não se trata de uma explicação científica ou racional, mas de um quadro simbólico que orienta as práticas. Muitos aderiram ao neopentecostalismo por influência da família ou dos colegas. A “fé” ajuda a diferenciar o “bem” e o “mal” e mantém os fiéis longe das “tentações” de um estilo de vida prejudicial às suas carreiras profissionais e, ao mesmo tempo, aderir à religião transforma-os de maneira radical, abrindo para novas experiências de vida. A fé transforma profundamente sua existência ao oferecer uma nova leitura do mundo.

Para alguns, a teologia da prosperidade ajudou a explicar a ascensão econômica vertiginosa e as profundas transformações pelas quais passaram quando se transferiram para clubes globais, uma transição que não é fácil. Como indivíduos “transclasses” (Jaquet 2023), vivem num entre-lugar: pois têm um novo *status* financeiro, sem que, com isso, reneguem completamente o *habitus* de sua classe de origem.

A Bíblia passa a orientar suas escolhas, oferece-lhes um sentimento de ordem, reforça hierarquias — particularmente em um universo tão estruturado hierarquicamente como o futebol — e sustenta uma visão heteronormativa de gênero, alinhada à masculinidade hegemônica (Connell 1995).

E, quanto às jogadoras, muitas também neopentecostais? Embora as mulheres pratiquem o futebol desde os primórdios desse esporte (Giulianotti 2002), sua história é marcada por contestações e proibições. Como mostra a antropóloga Caroline Almeida, no Brasil, já nos anos 1920, a jornalista Cléo de Galsan defendia o direito das mulheres ao futebol, em contradição com o discurso médico e higienista dominante. Para Galsan, o futebol era uma ferramenta fundamental para a emancipação feminina: “Elas não conseguirão nada, pois para lutar, para vencer, serão necessárias mulheres saudáveis de corpo e alma; serão necessárias moças cujo cérebro não esteja enfraquecido por ideias românticas.” (Rial e Almeida 2024).

Como na França, na Inglaterra ou na Alemanha, no Brasil também o futebol foi proibido às mulheres – mas com a especificidade de que, aqui, essa proibição não emanou de uma federação, mas foi inscrita numa lei estatal. Ainda assim, o futebol nunca deixou de ser praticado pelas mulheres, ainda que de forma esporádica, por vezes com a cumplicidade das autoridades locais (Esteves 2024). Ele representava então um ato subversivo (Butler 1990).

Quando a proibição foi revogada, 38 anos após sua instauração, em 1979, o jogo foi retomado com clubes formados em boates de gays e lésbicas, sendo praticado majoritariamente por mulheres negras, lésbicas e das classes populares (Rial e Almeida 2024).

As “pioneiras”¹⁸, que encontrei no Rio de Janeiro em 2019, chegaram a participar de torneios no exterior, mas em condições muito precárias¹⁹. E eram submetidas a preconceitos sexuais e raciais. As federações buscavam feminizá-las por meio de regulamentos que proibiam cabelos curtos, e a imprensa, por meio de reportagens abjetas, colocava fotos coloridas de jogadoras brancas, sorridentes e esbeltas ao lado de imagens em preto e branco de jogadoras negras, com expressão fechada (Almeida 2015).

Jogar futebol era um desafio. Não havia apoio familiar ou de vizinhos, como no caso dos homens. Assim, enquanto entre os meninos o futebol servia para reforçar uma masculinidade socialmente prescrita, afastando-os de uma feminização tida como indesejável, entre as meninas sua prática era cercada do risco de masculinização. Vencer os obstáculos abria possibilidades de emancipação e agenciamento, subvertendo as normas de submissão feminina.

Mesmo as gerações seguintes, de jogadoras como Aline Pelegrino ou Andressa Alves, sofreram preconceitos. Andressa conta que pedia uma bola de presente a cada Natal, mas sempre ganhava uma boneca – até o dia em que decapitou a boneca para transformá-la em bola. A Nike criou então uma bola de futebol com o rosto de uma

18 Pioneiras – assim são chamadas (e se autodenominam) as jogadoras que atuaram em clubes e na seleção nacional após a liberação oficial do esporte em 1979.

19 A jogadora Fanta conta ter passado fome na China, pois não se adaptou à comida local. Ainda assim, voltou com uma medalha de bronze, em um torneio que precedeu a primeira Copa do Mundo feminina.

boneca em homenagem à sua história. Embora tenha jogado por clubes no Brasil, foi sua ida ao exterior que a libertou dos preconceitos. Em um contexto menos machista e graças à influência de jogadoras estrangeiras, ela pôde inclusive fazer seu *coming out*, no sentido dado por Sedgwick (2007).

POR QUE VOTARAM EM B.?

Voltemos aos homens. E a um de meus principais interlocutores, Quirino Nogueira (QN), que ajuda a entender por que votaram em Bolsonaro. QN frequentava igrejas neopentecostais, sem nunca dizer a qual exatamente pertencia, insistindo que “só a fé importa”. Mais tarde, tornou-se pastor – uma trajetória comum entre ex-jogadores brasileiros. Mas QN foi além: deixou o mercado europeu após um sonho em que se via montado em um camelo, pregando no deserto. Instalou-se, então, em um país árabe — bem antes de esses países tornarem-se destinos frequentes de jogadores da Seleção — e, lá, fundou uma igreja frequentada por mais de 100 fiéis. Sua esposa tornou-se cantora gospel.

Dedicou-se inteiramente à pregação, com a mesma eloquência e estética dos pastores neopentecostais: no vestuário, na entonação, no domínio da Bíblia. Seus discursos expressam a necessidade de ordem, de uma hierarquia clara, e a defesa de um modelo familiar tradicional. Em outras palavras, um repúdio às pautas identitárias, vistas como fontes de desestabilização da ordem estabelecida, de ansiedade e de angústia (Manso 2023). Como diversos autores

mostraram (Manso 2023, Pinheiro-Machado 2019), foi justamente esse sistema de valores que levou muitos evangélicos oriundos das classes populares a votar em Bolsonaro.

QN, como tantos outros, publicou mensagens de apoio ao candidato B. nas redes sociais, chorou enrolado na bandeira brasileira na calçada diante da derrota do “mito” e se juntou aos manifestantes reunidos em frente aos quartéis pedindo intervenção militar. Foi seguido por outros jogadores que viam em B. a personificação de seus valores, bem resumidos no lema “Deus, Pátria, Família e Liberdade”. Provavelmente, ignorava que os três primeiros elementos desse lema pertenciam ao movimento fascista brasileiro, liderado pelo jornalista Plínio Salgado — a Ação Integralista Brasileira — que defendia o nacionalismo, a ordem social fundamentada na religião cristã (especialmente o catolicismo) e os princípios conservadores da família tradicional.

Foram várias as manifestações nas redes sociais. Para Rivaldo, B. representava uma escolha bíblica: ele cita em uma publicação o salmo “Um líder inteligente e sábio mantém a ordem” e, em outra, “A ordem é garantida por um dirigente sábio”. Daniel Alves escreveu em um post: “O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” — outro lema, desta vez de origem nazista, reutilizado por B. Ronaldinho, por sua vez, escreveu: “Por um Brasil melhor, desejo paz e segurança”. Thiago, capitão da Seleção, repete o mesmo lema. Neymar publicou um vídeo conclamando o voto em B. E a lista continua.

As exceções entre os jogadores homens são raras: Paulinho, que celebra seus gols homenageando Oxóssi, seu orixá do candomblé, é o

único dos mais conhecidos que se congratulou com a vitória de Lula: “O Maior Presidente da História do Brasil está de volta”, escreveu. As mulheres, ao contrário, foram mais discretas: preferiram não declarar voto, mas não apoiaram B. Andressa foi uma das que declarou publicamente que nunca votaria em B.

As mensagens dos jogadores trouxeram votos a B, influenciaram o resultado da eleição? Difícil de medir. O que se sabe, porém, é o enorme alcance de suas declarações nas redes sociais. O exemplo dos números no Instagram é eloquente: o português Cristiano Ronaldo é a pessoa mais popular do mundo nessa plataforma — e, provavelmente, em muitas outras — com mais de 600 milhões de seguidores. Messi aparece em segundo lugar. O primeiro brasileiro no ranking é Neymar, em quarto lugar, com mais de 200 milhões de seguidores. Ele nunca foi eleito o melhor jogador do mundo pela FIFA nem ganhou uma Bola de Ouro da France Football. Marta, em contrapartida, eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo pela FIFA, tinha cerca de 2 milhões de seguidores em 2024 — ou seja, apenas 10% dos seguidores de Neymar. Ela não teve manifestações políticas explícitas, mas pelo menos uma vez deu “like” em um post elogioso a Lula.

A decepção pela derrota foi enorme e em alguns posts se lê que acreditavam em um golpe. QN: “Tenhamos Esperança”. E Rivaldo foi ainda mais explícito: “...a luta continua e não vamos parar e muita coisa vai acontecer até o dia 31/12/2022”. Após a posse de Lula, QN continuou apoiando a extrema direita, mas abandonou a estética do pastor adotando a do “coach”, própria do candidato a prefeito de São Paulo Pablo Marçal — que ficou muito perto de ir ao segundo

turno nas eleições de 2022. QN segue pregando, agora sob a forma de conselhos de sucesso pessoal. Empatia, Visão, Liderança, Determinação são algumas das lições que publica em sua conta no Instagram. Durante os cultos, aparece de jeans e camiseta, deixando de lado o tradicional terno e gravata dos pastores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ascensão dos evangélicos neopentecostais na cena política brasileira transformou profundamente o debate público, deslocando a atenção das questões econômicas para pautas morais, em particular aquelas ligadas a gênero, à sexualidade e à família. Para esse grupo, a moralidade bíblica impõe-se como princípio absoluto, suplantando a racionalidade política e os próprios fundamentos da democracia.

Nesse contexto, a figura do convertido opõe-se à do pecador, em uma lógica maniqueísta que legitima a perseguição ao “outro” — sejam adeptos das religiões afro-brasileiras, povos indígenas, pessoas LGBTQIA+, comunistas ou mesmo antropólogos. O mal ganha rosto, nome, endereço. A demonização desses grupos, associada à retórica do “inimigo interno”, alimenta discursos de fanatismo, de intolerância e, em alguns casos extremos, de violência.

B., embora católico, mergulhou no universo neopentecostal, adotando uma visão de mundo que oferece respostas simples a um mundo tornado complexo. Essa visão oferece a “ordem” que muitos brasileiros buscam diante das incertezas provocadas por transformações sociais profundas, especialmente aquelas promovidas por

movimentos emancipatórios que desafiam o patriarcado e o binarismo de gênero. O quê chamaram de “ideologia de gênero” tornou-se o símbolo dessa ameaça.

Para muitos jogadores e ex-jogadores que se tornaram influenciadores ou líderes políticos, a salvação da nação passa por mudanças individuais, por conversões, e não por transformações estruturais. Seus institutos de caridade ou pregações pastorais concentram-se na moralização do indivíduo, sem jamais abordar os mecanismos sociais que reproduzem as desigualdades. O futebol, por sua vez, com sua estrutura fortemente hierarquizada e sua lógica meritocrática, funciona ao mesmo tempo como metáfora e como modelo que responde a essa demanda por ordem.

Nesse sentido, assiste-se à emergência de uma “teologia da política”, onde o governo se oriente por princípios bíblicos — frequentemente interpretados de forma literal e anacrônica — como sugere Manso (2023). A consolidação dessa lógica representa um grande desafio à laicidade do Estado e à pluralidade democrática. Subestimar a força simbólica e a coerência dessa base de apoio seria um erro analítico: ela articula crenças, afetos e visões de mundo que oferecem pertencimento e sentido em um contexto marcado pela desorientação e pelo ressentimento. No Brasil contemporâneo, a aliança entre a bola e a Bíblia ultrapassa os bancos do Congresso Nacional e ajuda a compreender a escolha de tantos por B.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo. 2015. *A cabeça do brasileiro: uma análise da percepção da cor e da raça no Brasil*. São Paulo: Editora XYZ.

ALMEIDA, Caroline Soares de e Carmen Rial. 2023. “Football, Lesbianism and Feminism in Brazil: Subversive Acts.” *Soccer & Society* 25 (2): 1–13. <https://doi.org/10.1080/14660970.2023.2265200>.

APPIAH, Kwame Anthony. 1997. Cosmopolitan Patriots. In *The Quality of Life*, editado por Martha C. Nussbaum e Amartya Sen, 591–618. Oxford: Clarendon Press.

APPIAH, Kwame Anthony. 2006. *Cosmopolitanism: Ethics in a World of Strangers*. New York: W. W. Norton & Company.

ASAD, Talal. 1993. *Genealogies of Religion: Discipline and Reasons of Power in Christianity and Islam*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

ASSUNÇÃO, Viviane K. 2011. *Alimentação de emigrantes brasileiros nos Estados Unidos*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina.

BOURDIEU, Pierre. 1988. *Esboço de uma teoria da prática*. Tradução de Mariana de Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero.

BOURDIEU, Pierre. 1992. Os Campos do Poder. In *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*. Tradução de Rodrigo Nunes, 77–109. São Paulo: Papirus.

BRZOZOWSKI, Jan. 2012. *International migration and economic development*, *Estudos Avançados*, 26 (75) p. 137-156.

BUTLER, Judith. 1990. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York; London: Routledge.

BUTLER, Judith. 2019. *Notas para uma teoria performativa do gênero*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Annablume.

CONNELL, R. W. 1995. *Masculinities*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press.

ESTEVES, Laura. 2024. Jogar com uma mulher. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.1, 2024. Acessível em <https://www.inctfutebol.com.br/post/jogar-como-uma-mulher>

GEERTZ, Clifford. 1973. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books.

GIULIANOTTI, Richard. 2002. "Supporters, Followers, Fans and Flâneurs: A Taxonomy of Spectator Identities in Football." *Journal of Sport and Social Issues* 26 (1): 25-46.

JAUQUET, Chantal. 2023. *Transclasses: A Theory of Social NonReproduction*. London: Verso.

MANSO, Bruno Paes. 2023. *A fé e o fuzil: Crime e religião no Brasil do século XXI*. São Paulo: Todavia.

MARGOLIS, Maxine L. 1994. *Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton: Princeton University Press.

MARGOLIS, Maxine L. 2013. *Goodbye Brazil: Imigrantes Brasileiros no Mundo*. São Paulo: Contexto.

OLIVEN, Rubén. 2025. *Megaeventos esportivos: sociologia do futebol, cultura e poder*. São Paulo: Cortez Editora.

PINHEIROMACHADO, Rosana. 2019. *Amanhã vai ser maior: O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*. Barcelona: Planeta.

PINTO, Franco Dani Araújo. 2021. *Yídòng de xīngxīng: experiências e trajetórias de imigrantes chineses em Governador Valadares-MG, um território de cultura emigratória*. Tese (Doutorado em Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas) — Universidade Federal de Santa Catarina.

RIAL, Carmen. 2006. *Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém*. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*. Madrid, v. 61, n. 2, p. 163–190. Número especial: Culturas deportivas y mercados globales y locales. <https://doi.org/10.3989/rdtp.2006.v61.i2.20>.

RIAL, Carmen. 2008. “Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior.” *Horizontes Antropológicos* 14 (30): 21–65. <https://doi.org/10.1590/S010471832008000200002>.

RIAL, Carmen. 2012. “Banal Religiosity: Brazilian Athletes as New Missionaries of the NeoPentecostal Diaspora.” *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology* 9 (2): 128–159. Acesso em 16 jul. 2025. <https://vibrant.org.br/issues/v9n2/carmenrialfootballandreligion/>.

RIAL, Carmen e Caroline Soares de Almeida. 2024. O “gênero da bola”: Mulheres e futebol na mídia. *Revista ALCEU* 24 (52): 84–119. Acesso em 17 jul. 2025. <https://revistaalceu.com.pucrio.br/alceu/article/view/417>.

SASSEN, Saskia. 1991. *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. 2007. *Epistemologia do armário*. Tradução de Ricardo Ruiz. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

SIMÕES SANTOS, Irlan. 2024. Finanças, mídia e futebol: o modelo de multiclub ownership e inserção dos fundos de private equity. *Revista ALCEU*. [S.l.], v. 24, n. 52, p. 199–217. DOI: 10.46391/ALCEU, v24, ed 52.2024.408.

WEBER, Max. 1992. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Paulo Neves. 5. ed. São Paulo: Editora Unesp.